

## TURISMO SUSTENTÁVEL NA ILHA GRANDE: UMA ANÁLISE FRENTE AO TURISMO DE MASSA

Monique RIBEIRO<sup>1</sup>; Monika RICHTER<sup>2</sup>; Eduardo FERREIRA<sup>3</sup>; Marcos OLIVEIRA<sup>4</sup>

### RESUMO

Considerada um paraíso ecológico, a Ilha Grande está localizada no município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, Brasil. É formada por vegetação de Mata Atlântica, considerada um dos biomas mais ameaçados do mundo; com fauna e flora diversa composta por espécies raras e ameaçadas de extinção. Em função de sua condição ecológica, boa parte de seu território constitui-se de Unidades de Conservação de proteção integral. Entretanto, sua beleza e quantidade de atrativos em sua maioria, naturais, como praias de água cristalina, cachoeiras, mirantes, trilhas em meio a natureza preservada, vem atraindo a cada ano um numero surpreendente de visitantes, geralmente superando a capacidade de suporte dos ambientes frágeis, como ocorre nas Lagoas Azul e Verde. Assim, a Ilha enfrenta hoje graves problemas como a falta de controle de turistas, conscientização ambiental, carência de infra-estrutura que comporte o numero elevado de visitantes, associados a ausência de incentivo e planejamento eficiente por parte do poder público. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção e opinião de moradores e empreendedores da Vila do Abraão – local que oferece maior infraestrutur e comércio – quanto a esse turismo massificado que vem gerando conflitos socio ambientais, a partir de observação participante e entrevistas junto ao setor de serviços, por se constituírem em atores locais com potencial interesse no incremento da atividade no local. No total, foram cinco visitas de campo e 27 entrevistados, que atuam em atividades desde a hotelaria, alimentos e bebidas, venda de artesanato e agenciamento de passeios náuticos. Os resultados apontam que apesar da renda e empregos que esses turistas podem trazer, a maioria dos moradores e entrevistados concordam com mecanismos de controle de visitantes, sendo uma das alternativas em discussão, a cobrança de uma taxa de permanência/visitação, já que segundo a opinião destes, a Ilha não suporta toda essa demanda turística, principalmente na alta temporada.

**Palavras-chave:** geração de emprego e renda; ilhas costeiras; turismo de massa; unidades de conservação da natureza

---

<sup>1</sup>Discente do curso de Turismo da UFRRJ; Avenida Roberto da Silveira s/n, Nova Iguaçu, RJ, Brasil. nique2008pbi@hotmail.com Telefone: +55212669-0105.

<sup>2</sup>Doutora e Professor Adjunto; Departamento de Educação e Sociedade- Universidade Federal Rural do rio de janeiro; Instituto Multidisciplinar, Nova Iguaçu, RJ, Brasil; mrichter84@hotmail.com. Telefone: +55212669-0105.

<sup>3</sup>Discente do curso de Turismo da UFRRJ; Avenida Roberto da Silveira s/n, Nova Iguaçu, RJ, Brasil. edubrazil@gmail.com Telefone: +55212669-0105

<sup>4</sup>Discente do curso de Turismo da UFRRJ; Avenida Roberto da Silveira s/n, Nova Iguaçu, RJ, Brasil. Mpoliveiraufrrj@gmail.com Telefone: +55212669-0105.

## 1. INTRODUÇÃO

Localizada no município de Angra dos Reis/RJ, eleito um dos destinos indutores do turismo no Brasil, a Ilha Grande possui mais de 100 praias, montanhas e picos, cachoeiras, diversas trilhas com diferentes níveis de dificuldade, além de um conjunto de áreas protegidas, tais como o Parque Estadual da Ilha Grande, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro, a Estação Ecológica da Praia do Sul e a Área de Proteção Ambiental de Tamoios, todas sob gerência do órgão estadual ambiental (INEA), que fazem deste local um paraíso para o turismo de natureza.

A atividade turística nesta localidade apresenta registros desde 1970, entretanto, somente após a demolição do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994, associado a queda na produção pesqueira, é que se consolida como primeira economia do distrito.

De acordo com Mendonça (2010), a imagem do paraíso é motivada pela campanha realizada para eleição das Sete Maravilhas do Estado do Rio de Janeiro, promovida pelo Jornal O Globo em 2007. Esta campanha teve como resultado a eleição da Ilha Grande como a “segunda maravilha” do Estado. Essa campanha é destacada por alguns moradores e empreendedores como responsável pelo aumento do fluxo de visitantes para a Ilha.

Segundo Prado (2003), com a “explosão” do turismo, surge no local a ideia de invasão que se manifesta por parte daqueles que se sentem como do lugar, por oposição aos outros que vêm chegando e se instalando em função do turismo. Isto retrata uma característica local, que é a presença e a convivência de grupos diferentes, diferenciados entre “nativos” e “não-nativos”.

O incremento acelerado e desordenado do turismo tem gerado impactos socio ambientais diversos, principalmente na alta temporada (Vidal *et al.*, 2006). Esse aumento do número de moradores, atraídos pela oferta de emprego e geração de renda, e do fluxo advindo do turismo transforma o lugar do ponto de vista paisagístico (Mendonça, *op cit*) e traz problemas ambientais como a poluição dos rios e conseqüente poluição do mar, além do aumento em relação ao descarte dos resíduos sólidos.

Desde 2007, diversos fóruns vem sendo organizados objetivando-se estimular a participação, em que os diferentes atores e agentes sociais envolvidos pudessem debater as inúmeras questões que surgem com relação a esses problemas, bem como propor um ordenamento da atividade turística na Ilha (Ferreira, 2013). Entretanto, o que se observa são conflitos e visões divergentes entre os grupos de interesse.

Neste sentido, o grupo que potencialmente mais incentiva o crescimento da atividade no local, é o terceiro setor, embora a maioria tenha o discurso e aparentemente o entendimento de que seu maior atrativo seja o patrimônio natural e que para a sua manutenção/restauração, faz-se necessário buscar por soluções sustentáveis.

## 2. OBJETIVOS

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo analisar essas relações entre turismo e proteção ambiental, bem como identificar o perfil e a percepção do terceiro setor frente a problemática do turismo massificado, buscando identificar como se relacionam com o meio. Objetiva-se também avaliar como compreendem o conceito de turismo sustentável e o que

propõem como forma de atingi-lo, ou seja, quais as soluções que vislumbram no sentido de que o turismo continue sendo praticado e gerando renda para a comunidade, mas de forma efetivamente sustentável em suas diferentes dimensões.

### 3. METODOLOGIA

O trabalho se baseia em revisão bibliográfica e pesquisa exploratória qualitativa a partir de incursões a campo utilizando a observação participante, bem como aplicação de entrevistas junto a moradores e empresários do setor de serviços.

Dentro do enfoque da pesquisa, foi valorizada a observação participante, método a partir do qual o pesquisador cria um contato real e constante com os pesquisados, estabelecendo vínculos de confiança, através dos quais pode compreender a realidade da comunidade estudada.

A observação participante ocorreu durante toda a fase de campo da pesquisa, dividida em duas etapas:

- i) A primeira etapa, constitui-se na prospeção junto à comunidade em busca de subsídios de informações de bastidor e pelo contato com indivíduos-chave. Nesta fase foram realizadas visitas à área de estudo para reconhecimento do local e para identificar os possíveis entrevistados e o universo da pesquisa. Esta primeira caracterização e contextualização dos entrevistados forneceu subsídios à segunda fase.
- ii) A segunda etapa consistiu na investigação da percepção do setor de serviços através de um roteiro de entrevista semi-estruturado.

#### Área de Estudo

A Ilha Grande está localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, no município de Angra dos Reis, entre as coordenadas 44°05` - 44°23`O e 23°05` -23°14`S. Possui uma área de 193km<sup>2</sup> e um perímetro de aproximadamente 130km, onde estão localizadas 7 enseadas e 106 praias. É a maior ilha do Estado do Rio de Janeiro e a terceira maior do Brasil, constituindo-se em ilha continental que faz parte da Serra do Mar. Predominam relevos muito íngremes com fortes dissecações, topos agudos, morros, pontões e escarpas. Apresenta planícies e terraços fluviais e fluvio-marinhos em contato com as encostas. Sua altitude média é de 845m, e seus dois maiores picos são: o pico da Pedra d`água (1031m) e o pico do Papagaio (982m).

Dotada de uma beleza cênica natural, possui vegetação nativa de Mata Atlântica com variabilidade de espécies, praias paradisíacas, entre outros atrativos. Somente após a implosão do Presídio Cândido Mendes é que se intensifica a visitação (Oliveira, 2004), ou seja, configura-se como início de uma fase de expansão da atividade turística e de aumento populacional.

A partir daí, os impactos ambientais sofridos são inúmeros e crescentes a cada nova temporada. Destaca-se também a significativa modificação frente a ocupação do solo.

A enseada do Abraão, considerada a porta de entrada para a Ilha Grande, está localizada a nordeste da Ilha Grande na área voltada para o continente. Pode ser considerada o ponto

turístico de maior visitação da Ilha Grande, o que responde também por uma maior degradação e, conseqüente exige maiores cuidados com o local, principalmente em termos de infra-estrutura básica e de proteção aos recursos naturais. Além disso, o cais oficial da Ilha Grande está localizado nesta área, portanto, a chegada de turistas em maior número acontece neste local. É o único local na Ilha onde há regularidade de transporte público, por meio da Companhia Barcas S/A que realiza o trajeto Mangaratiba- Abraão e Angra- Abraão, com horários diários fixos, e embarcações que apresentam custo bem maior em relação ao valor cobrado pela Companhia (estes transportes são particulares e realizam um cartel para a manutenção dos altos preços), principalmente no período de alta temporada, quando os barqueiros aproveitando-se da demanda e cobram preços altíssimos, muitas vezes sem oferecer segurança alguma.

A constante presença de turistas e o aumento na demanda em termos de serviços, principalmente relacionados a meios de hospedagem, levou a Vila do Abrão a sofrer outros problemas, como o de especulação imobiliária e ocupação sem planejamento prévio e a agravar, ainda mais, os problemas de infra-estrutura tais como coleta de lixo insuficiente e falta de água e luz.

A vila do Abraão apresenta o maior número de bares e pousadas de toda a Ilha e, grande quantidade de lojas de artesanato, ofertas de pacotes de passeios turísticos, alugueis de barcos e equipamentos de mergulho e ainda, farmácias, mercearias, um posto de saúde e uma Escola Municipal, dentre outros. De acordo com o Inventário realizado em 2011 pela Prefeitura Municipal de Angra, existem na Ilha quatrocentos e sessenta empreendimentos turísticos entre meios de hospedagem e de alimentação, boa parte encontrada na Vila do Abraão.

## **4. RESULTADOS**

### **4.1 Revisão Conceitual**

Ao realizarmos uma pesquisa bibliográfica a cerca dos modelos de turismo desenvolvidos na atualidade vimos destacar-se na maioria dos locais o turismo de massa. Pela ótica de Pires (2002) os problemas por ele desencadeados, com suas conseqüências mais negativas e danosas recaindo sobre a estrutura social e econômica das populações receptoras, assim como sobre a qualidade ambiental dos destinos consagrados por esse modelo de turismo.

Considerando que a atividade turística representa o consumo do lugar, percebe-se no turismo de massa um consumo exacerbado do local, sem um manejo adequado e sem nenhuma preocupação com o impacto realizado sobre este ambiente, com os moradores e com futuros visitantes.

Nesse sentido, verifica-se que, além das manifestações favoráveis de especialistas e envolvidos com o turismo, frente a um turismo sustentável, segmentos crescentes de turistas insatisfeitos com a qualidade da experiência de viagem oferecida pelo modelo de turismo massificado, caracterizado pela padronização das viagens e dos serviços e pela estereotipação dos programas e pacotes, começam a expressar seu desejo por novas alternativas turísticas, em que possam engajar-se em atividades sociais e culturais, dessa forma dando mais sentido à sua vivência. Este turismo sustentável em muitas situações se assemelha a proposta do turismo ecológico, turismo de aventura, turismo com rotas exóticas e o chamado ecoturismo.

O ecoturismo – uma das vertentes mais desenvolvidas do turismo sustentável – surge como uma forma de aliar o turismo à preservação ambiental. Em seu período de descoberta era caracterizado pelo turismo de mochileiros, ou seja, aqueles que buscavam adentrar por lugares pouco visitados anteriormente, descobrir novas formas de se integrar com a natureza, fazendo parte do meio local tomando-o como um espaço vivido. Entretanto, conforme aumenta a demanda turística, muda-se do perfil deste turista e acaba por modificar também o tipo de turismo exercido, tornando-o também uma modalidade do turismo de massa. Em muitos casos este visitante não busca uma integração com a natureza, não deseja enveredar-se pelas trilhas e não está disposto a alocar-se em qualquer lugar. Este turista deseja uma estadia tranquila e confortável, não está preocupado com as questões ambientais e por vezes desconhece qualquer comportamento ambiental (Marques e Costa, 2005).

Dentro deste contexto que se enquadra o turismo na Ilha Grande, ou seja, é mais um local de beleza natural que vem sendo alterado pelo turismo de massa, que por lá chegou em muitos casos disfarçado de ecoturismo e hoje configura-se em um problema de grandes dimensões. Assim, após análise dos modelos atuais de turismo, enquadra-se o turismo exercido na Ilha Grande, principalmente na Vila de Abraão, como turismo de massa.

Até 1970 o acesso a Ilha era dificultado devido a precariedade de redes de comunicação e transportes. Com a construção da estrada Rio- Santos, em 1974, o acesso aos municípios de Angra dos Reis e Mangaratiba, portas de entrada para a Ilha Grande, ficou facilitado.

Com esta maior facilidade de acesso ao local e devido a proximidade das duas importantes metrópoles urbanas, Rio de Janeiro e São Paulo, a Ilha foi aos poucos sendo descoberta, não somente por aqueles que pretendiam desbravar as trilhas e conhecer os locais mais belos e escondidos, mas também por aqueles que desejavam passar um fim de semana calmo, longe da correria dos grandes centros, gozando de ar puro, de um clima ameno e admirando a beleza local.

Sendo em grande parte constituída por unidades de conservação da natureza, e uma vez sem a restritiva presença do Presídio, a Ilha Grande passa a ser representada pela ideia de um "paraíso ecológico" a ser visitado e usufruído mas também preservado. Naturalmente que é nessa ideia que se funda o apelo turístico para o lugar, como se pode ver nos folhetos de divulgação e nos sites referentes ao lugar. O turismo aí, portanto, só poderia ser o que se entende como ecoturismo. Mas, a exemplo de outros casos conhecidos de "paraísos", rotulados ou não como ecológicos, isso pode significar uma incongruência, o mesmo se podendo dizer da pretensão de se juntar turismo com preservação - no sentido de que, não havendo o controlo e o planeamento que a situação demanda, o que acaba acontecendo é a destruição do objeto de atração que também é de preservação (Marques e Costa, *op cit*).

#### **4.2 Observações Participante**

Segundo funcionários da Prefeitura de Angra dos Reis (com. pessoal), dentre as medidas pretendidas pelo poder público local estão o investimento em infraestrutura, de modo a adequá-la à carga determinada por estudo de capacidade de carga realizado recentemente sob a supervisão do órgão estadual competente (INEA), e a cobrança de uma taxa de preservação ambiental como em Fernando de Noronha. Um fato marcante é que, a maioria dos empresários e a população local são favoráveis à limitação do número de turistas. A

experiência acumulada, principalmente ao longo dos últimos anos, levou-os a perceber que a saída para o desenvolvimento do turismo na ilha não se encontra no quantitativo de turistas, mas no qualitativo, que implica a consideração das práticas turísticas a partir de uma perspectiva de sustentabilidade.

Desse modo, as medidas de limitação anunciadas contam com o apoio da população local de maneira geral. A mesma população, porém, vê a Prefeitura com desconfiança. Um proprietário de restaurante e pousada, afirma que são dois os problemas principais: a desunião entre os empresários e o abandono por parte da prefeitura. No entanto, é consenso entre o setor de serviços e moradores em geral, bem como para maioria dos turistas o reconhecimento da necessidade da gestão sustentável do turismo da Ilha Grande, com a requisição de medidas mais enérgicas e urgentes no caso específico do Abraão que, por sua condição histórica e geográfica, já apresenta problemas graves de sobrecarga de infra-estrutura com visibilidade plena para o turista, tais como transbordamento da estação de tratamento de esgoto, saturação do espaço e excesso de visitantes com perda da qualidade dos serviços.

O Abraão era um vilarejo cuja concentração imobiliária se dava na orla próxima ao cais, que constituía a área onde residiam os funcionários do presídio, os pequenos comerciantes locais e parte da população que vivia da pesca. A partir do evento do turismo e a decorrente especulação imobiliária, este quadro mudou, gerando consequências tais como a interiorização da população nativa pela supervalorização dos terrenos e imóveis nas áreas mais próximas da praia (Sampaio, 2005). Segundo moradores mais antigos, observa-se que desde o final do presídio, ocorreu uma crescente valorização das casas e terrenos no Abraão. Em função dessa valorização, os nativos que não tinham condições financeiras para investir em atividades turísticas venderam seus imóveis próximos à praia e compraram terrenos mais acima, em áreas distantes da praia e próximas da encosta. Isso tende a se tornar problemático, porque começa a se formar um conjunto de habitações amontoadas, que sobem desordenadamente pela encosta, em aglomerados que se constituem em paisagens desagradáveis de se ver, tanto pela saturação e ausência de uma estética que seja minimamente planejada quanto pela existência de paredes sem acabamento, ou inacabados. Além disso, a expansão para o interior da Ilha tem causando discussão acerca de invasão em área de preservação.

Já a faixa próxima à praia é ocupada preferencialmente por empreendimentos comerciais voltados para o turismo. São pousadas, restaurantes, bares, cafeterias, sorveterias, lojas, mercearia, padaria e agências de turismo, formando aglomerações que não apresentam o aspecto aparentado ao de favelas das habitações acima caracterizadas, mas certamente estão longe de se manterem coerentes à imagem de “paraíso ecológico” através da qual a Ilha Grande é vendida. Percebe-se de imediato a saturação do espaço, o que se agrava pelo descumprimento dos critérios estéticos para a urbanização. Assim, a especulação imobiliária no Abraão apresenta aspectos contraditórios. Se por um lado, ela constitui um benefício para o morador que teve o seu patrimônio valorizado; por outro lado, a mesma valorização restringe cada vez mais o empreendimento turístico a investidores fortes economicamente. Além disso, a especulação gerou um problema de ocupação desordenada – apesar da existência de regras de ocupação e da legislação referente à conservação ambiental – que a longo prazo põe em risco outras dimensões de sustentabilidade do empreendimento turístico local como a espacial e a ambiental.

Outro exemplo do efeito negativo desse excesso de turistas é o volume de esgoto e de barcos na praia do Abraão que a tornou imprópria para banho. Os proprietários de estabelecimentos comerciais no Abraão são, na maioria dos casos, empresários de turismo que vêm evoluindo junto com o desenvolvimento da própria atividade turística no local. Estes empresários ainda não chegaram a pensar plenamente os seus empreendimentos como um plano racional de negócio.

No geral observa-se três tipos de empresários na Ilha: os que tiveram sua origem na Ilha Grande, saíram e voltaram, começando seus negócios com o “quartinho” que foi crescendo e se transformou em pousada, ou foi montado um bar que virou restaurante, etc.; o empresário, que constitui uma parcela um pouco menor do perfil, já chegou à Ilha montando o negócio por inteiro, com um projeto unificado e um plano de negócio mais claramente definido, porém com um negócio pequeno, um modelo de pousada simples. Há, neste mesmo estilo, aqueles que já chegam com uma estrutura mais sofisticada, com restaurante acoplado, sauna e piscina, e uma decoração característica; e o terceiro tipo, mais raro, constituído por empresários que já chegaram com um negócio plenamente estruturado, desde a venda de pacotes até meios próprios de transporte do turista.

Isso demarca uma tendência atual de segmentação do mercado turístico no Abraão, que indica tipos de turistas diferenciados conforme o nível do investimento e os níveis de flexibilização dos preços. Ressalta-se ainda, além dos três tipos de empreendimentos apontados acima, um quarto tipo, que é o empreendimento (pousadas, campings, bares e restaurantes) não legalizado.

Quanto à mão-de-obra, o nativo não está incluído diretamente no serviço das pousadas e restaurantes salvo exceções. Mesmo nestes casos, preferencialmente em atividades mais simples, em que o contato com o turista seja mínimo como atividades de limpeza e cozinha. Pelo lado do empresário, ouve-se o discurso de que o nativo não gosta de trabalhar etc. Já pelo lado do nativo, o que se ouve é que os empresários trazem gente de fora. No entanto, em muitas situações, observa-se diferença na qualidade do serviço oferecido por profissionais de fora em relação aos que são originários da própria Ilha. Em grande parte, essa exclusão do nativo se deve ao seu despreparo para o exercício de atividades turísticas.

O desenvolvimento não planejado do turismo na Ilha Grande tem seus efeitos mais daninhos no Abraão, cuja infra-estrutura é sobrecarregada no período da alta estação. Além disso, o problema da interiorização dos nativos encaminha-se para a formação de agrupamentos residenciais que ainda não podem ser chamados de favelas, mas cuja evolução parece dirigir-se para este tipo de solução. Questões de menor monta como contradições entre o tratamento urbanístico da entrada do Abraão e a imagem de “paraíso ecológico”, através da qual a Ilha Grande é vendida, também contribuem para a afirmação de que a sustentabilidade espacial no Abraão encontra-se comprometida.

Existe, segundo os empresários e moradores entrevistados, certo desinteresse por parte da Prefeitura de Angra dos Reis em relação à Ilha Grande. Os habitantes do Abraão sentem-se orgulhosos em relação ao patrimônio ecológico da Ilha Grande. Por isso, de um modo geral, eles primam pela preservação do ambiental, ou seja, a maioria dos turistas demonstra interesse pela questão ecológica. O que se verificou, porém, é que não é suficiente a boa vontade, pois existem hábitos enraizados nos indivíduos, que mesmo muitos que são efetivamente sensíveis à causa ecológica, frequentemente se vêem em situação de agressão à natureza quase que involuntariamente. A maioria dos entrevistados –

moradores, empresários e turistas – concorda que a natureza preservada é o maior atrativo do local. Isto não quer dizer necessariamente que todos tenham exatamente o que se possa chamar de “consciência ecológica”. Pois ter essa consciência implica mudanças de comportamento em níveis amplos, e a problemática vem aumentando na Ilha Grande, relativamente há pouco tempo. Em princípio existe uma tendência equivocada de ligar a falta de consciência ecológica ao nível sócio-econômico das pessoas, porém, a questão do comportamento é cultural.

Segundo Wunder (2006), após uma década de crescimento não-planejado do turismo, alguns interesses contraditórios se desenvolveram em torno do turismo na Ilha Grande, em particular do Abraão: a disputa principal envolve proprietários de pousadas e seus sofisticados turistas, por um lado, e os proprietários de terrenos de camping e seus mochileiros, por outro. Segundo o autor, os grupos mais articulados, os donos de pousadas, com mais influência ganhou o apoio das autoridades do Parque, ONGs e consultores preocupados com os perigos da degradação da ilha. Para Wunder, o grupo que apóia o turismo de baixo gasto é pequeno no Abraão, mas prevalece em outros lugares como na Vila do Aventureiro. Os relatos de alguns empreendedores locais e de alguns representantes de entidades ligadas ao turismo, ratificam a visão delineada por Wunder (*op cit*), onde se busca qualificar o turista que visita o Abraão, descartando a possibilidade de receber os que alguns deles denominam de “duristas” (turista de baixo gasto).

Em termos ambientais e de infra-estrutura, os problemas se exacerbam nos feriados prolongados, Ano Novo, Carnaval, Semana Santa, e na alta temporada do verão. Essa guinada no Abraão em função do turismo se deu sem qualquer planejamento ou ordenamento - isso é o que agora todos reconhecem e querem consertar, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, continuam seguindo em frente dentro desse esquema atropelado. Ali se acumulam problemas de toda ordem, desde questões de infra- estrutura que atingem igualmente a todos, até questões que são objeto de disputas entre os diferentes segmentos sociais que ali interagem, em razão das respectivas posições em relação à demanda turística e diante de uma lógica do lucro que parece que toma conta de tudo (Marques e Costa, 2005). E essa lógica do lucro também se exagera naquelas ocasiões de pico, quando cada um quer "ganhar o seu". O Abraão fica parecendo um grande comércio desvairado - "tudo virou dinheiro", reclama um morador - e o verão é a hora de todo mundo defender o seu; tudo se vende, tudo se aluga, enquanto o lixo se acumula. Os chamados ambulantes, geralmente ilegais, postam-se nos lugares onde há mais demanda daquilo que oferecem: água, cerveja, refrigerantes, biscoitos para matar a sede e a fome de tanta gente perambulando na Ilha no calor do verão. Também uma parte do comércio estabelecido tende a desrespeitar os regulamentos quando, por exemplo, avança sobre os espaços da rua com suas mesas e cadeiras. Há discórdia quanto ao barulho da música até tarde em lugares de diversão mais afastados do centro e próximos de pousadas. Também os barqueiros de passeio podem se desentender pelo desrespeito de alguns aos acordos do grupo. A impressão que se tem é de que todos estão disputando com todos, em face de regras que não funcionam e de pactos que não se consegue fazer ou sustentar. É um Abraão denso e tenso, muito ao contrário daquele apelo do paraíso ecológico - o Parque logo ali do lado, as trilhas para as tantas praias, a beleza da paisagem verde e azul.

O turismo, que é a fonte disso tudo, é encarado de maneira ambígua, na medida em que, se, de um lado, a ele se atribui toda a mudança da vida local da qual os antigos moradores e frequentadores sentem falta, de outro lado é valorizado porque "trouxe emprego" sendo a



perspectiva que resta depois que a pesca e o Presídio acabaram (Mendonça, 2010). Assim, ao lado da nostalgia por um outro tempo e das reclamações em relação a essa "invasão" da Ilha, que são mais expressadas pelos adultos e os mais velhos, aparecem também colocações no sentido de valorizar o que o turismo oferece de oportunidades para todos.

Assim o turismo foi tomando proporções cada vez maiores, cada vez mais pessoas chegam na Ilha, não somente para estar em contato direto com a natureza, mas para aproveitar o conforto das pousadas, que crescem cada vez mais, e passar dias calmos sem preocupações. Sem preocupações significa sem preocupar-se nem mesmo com a poluição do local. Muitas vezes caminhar em trilhas, alargando-as, jogando lixo nas praias. Num segundo momento, lotam a Vila de visitantes que, sem infra-estrutura adequada, passou a sofrer problemas constantes de falta de luz, de água e coleta de lixo insuficiente para o volume produzido. A falta de um tratamento de esgoto adequado e das devidas providências quanto a infra-estrutura, são agravantes para os problemas locais.

Estes exemplos de degradação ambiental certamente veem acontecendo devido a um turismo totalmente sem fiscalização. De certo, o turismo é importante para dinamizar a vida do morador da Ilha, para trazer divisas, entretanto o turismo que vem sendo realizado vem trazendo muito mais prejuízos do que vantagens: é o morador quem mais sofre com a falta de infra-estrutura do local para receber o turista, pois sua vida é alterada com a chegada do mesmo.

A falta de atividades econômicas que pudessem permitir a sobrevivência de seus moradores fez com que rapidamente o turismo fosse a atividade econômica mais importante no local. Um contraste exorbitante, pois ao mesmo tempo que o turismo prejudica a natureza do local e os moradores, o turista traz divisas para o local e emprega os próprios moradores, permite uma vida melhor, sustenta Abraão, contraste que certamente passa pela cabeça de seus moradores.

Em decorrências de todos estes problemas identificados por moradores, visitantes e gestores públicos, diversos são os fóruns organizados no sentido de discutir e problematizar a condição do turismo na Ilha Grande e buscar de maneira participativa por soluções.

Segundo Ferreira (2013), os fóruns e oficinas, quando tratam do tema Sustentabilidade, convergem para os mesmos problemas: São citadas a falta de estudos sobre a água, considerada um importante elemento de sustentação do ecossistema. Fala-se também do desconhecimento que se tem sobre o equilíbrio do próprio ecossistema, o que dificulta as ações de conservação. Debate-se sobre o uso inadequado dos recursos naturais locais como um grave problema, sobretudo pelo fato de ser em uma ilha, onde estes têm maior dificuldade de regeneração. A introdução de espécies exóticas também é uma questão levantada nas oficinas, principalmente por estarem na pauta dos técnicos das unidades de conservação da Ilha. Segundo a visão articulada por eles e por alguns pesquisadores, entre os quais biólogos e botânicos, essas espécies afetariam a regeneração da floresta e a reprodução das espécies consideradas nativas, e por isso deveriam ser removidas. Esses aspectos eram referidos como se fossem consensuais, apesar de muitas divergências em relação a eles, sobretudo na visão de moradores locais e de pesquisadores das ciências sociais. Destaca-se também a falta de infraestrutura sanitária, a insuficiência na coleta de lixo e a poluição das águas foram problemas apontados por diversos participantes, mas que preocupavam de forma mais contundente os residentes da Ilha.

Como todo o lixo da Ilha é levado ao continente pelo barco da prefeitura, os moradores do Abraão, onde o serviço é diário, se sentem bem atendidos, mas moradores de outras localidades, principalmente as da parte oceânica, reclamam de não terem seu lixo retirado a contento. Essas questões de lixo e saneamento, que dizem respeito ao trabalho da prefeitura, são muitas vezes colocadas como acusações por parte dos habitantes ao pessoal da municipalidade, durante as reuniões dos fóruns. Por um lado, os técnicos respondem com uma série de explicações e justificativas, mas, por outro, as acusações provocam um constrangimento no pessoal dos órgãos, por estarem sendo cobrados publicamente. Outra questão identificada como prejudicial à sustentabilidade da Ilha seria, a pouca integração entre os órgãos públicos, produzindo ações não coordenadas, muitas vezes contraditórias ou repetitivas, e o distanciamento entre os gestores do poder público e a população local. Fala-se, também de conflitos de interesses entre os diversos setores da sociedade local e de conflitos de gestão e de poder entre as instâncias municipais e estaduais, além de pouco comprometimento do estado com a população.

Identifica-se também uma desvalorização da cultura local por pessoas de fora da Ilha, tais como turistas e técnicos do poder público, num processo que se refletiria nas próprias comunidades, em que elas mesmas não se dariam o devido valor. Por outro lado, ao mesmo tempo, os participantes dos fóruns, de certa maneira, expressam essa desvalorização. Sua visão sobre a atuação da população no turismo é de que esta constitui-se um contingente de mão-de-obra pouco qualificada, com muitos profissionais na ilegalidade e deficiência no treinamento e desenvolvimento de pessoal, considerando que a forma própria que os moradores nativos têm de se ligar ao turismo é de qualidade inferior, precisando ser corrigida. Referindo-se ao fechamento de praias e caminhos por donos de mansões e pousadas, discute-se a questão da privatização do patrimônio público e os conflitos fundiários históricos existentes na Ilha, por um lado, entre pessoas que se dizem proprietárias de uma mesma terra, e, por outro, entre unidades de conservação e proprietários, em que até bancos estão envolvidos.

Por fim, são descritos como maiores problemas da Ilha grande: o aumento do número de construções, as ocupações ilegais dos costões e das encostas, a especulação imobiliária, a deficiência na infraestrutura urbana, a dificuldade de transporte entre as praias, a falta de empregos para as populações locais, a excessiva dependência do turismo e o turismo desordenado. Tudo isso contribuindo para a degradação ambiental.

Nas entrevistas fica evidente que os participantes de todos esses fóruns alternam-se constantemente, mas um “núcleo duro”, que faz de tudo para estar em quase todas as reuniões, tem maior participação na condução do processo, ajudando a decidir datas, pautas e locais de reunião, e também, vez por outra, organizando reuniões preparatórias que antecedem a “cena principal”. Muitas vezes, dependendo da gravidade dos assuntos em foco, a reunião preparatória pode adquirir uma importância até maior do que a principal, porque nela são articulados acordos prévios para lidar com assuntos difíceis e não deixar a situação sair do controle. Verifica-se, então, o surgimento de um compartilhamento de poder, a partir de uma sociabilidade que foi sendo construída com a continuidade das reuniões.

#### 4.2 Perfil e Percepção Ambiental do Setor de Serviços

Em termos de serviço, o inventário realizado a partir de pesquisas junto a internet e em campo, identificou cerca de 200 meio de hospedagem, sendo 130 somente no Abraão. Em termos de serviços voltados para alimentos e bebidas são cerca de 90, dos quais 67 na Vila; e de serviços de entretenimento foram encontradas 32 agências.

Para o levantamento de informações, os questionários de pesquisa foram aplicados somente na Vila do Abraão, junto à 27 empreendedores do setor de serviços, buscando melhor compreender como percebem o turismo que ocorre na Ilha e quais as sugestões para os problemas apontados.

Buscou-se, primeiramente, analisar o perfil dos entrevistados, obtendo-se que 96% são residentes e apenas 4% não. Dentre as atividades voltadas para o turismo que exercem, 37% atuam com meios de hospedagem (pousadas, campings, hostels), 26% com atividades sem estrutura física ou não regulamentada, tais como aluguel de máquinas e máscaras para mergulho, passeios de barco, entre outros, 19% com entretenimento (agências de traslado e passeios) e 18% com alimentos e bebidas (restaurantes, bares).

Quanto a procedência dessas pessoas, foi possível observar que 56% que hoje residem na Vila do Abraão, são originados da cidade do Rio de Janeiro, 33% de Angra dos Reis e 11% de outros estados, como o Nordeste, por exemplo. Esse fato foi bastante comentado nas entrevistas, pois é algo que vem incomodando os moradores, que segundo eles, “as pessoas de outros lugares vêm para cá morar e trabalhar com o turismo e acaba tomando o emprego de quem é daqui e precisa”, e, além disso, “turistas que moram acampando, têm um subemprego e não querem ir embora daqui, e por não ter um controle, eles ficam”, relata uma vendedora. Um rapaz que estava ao lado completa: “o que mais tem na Ilha Grande é: cachorro, Baiano, Chileno e Argentino. Mas os Baianos vêm para trabalhar mesmo, já os Argentinos, para tirar onda”, demonstrando conflitos com os que vem de fora.

Quanto aos turistas, os entrevistados relataram que durante o ano todo há um grande fluxo, porém 60% é no verão, com as férias, e 31% nos feriados prolongados, pois a intenção dos mesmos é de poder aproveitar a beleza com mais calma.

Quanto aos empreendimentos turísticos, notou-se que 63% deles são cadastrados ou possuem licença da TurisAngra, Fundação vinculada a Prefeitura de Angra dos Reis, para atuar na Ilha, e 37% ainda não possuem, ou são atividades sem estrutura física para funcionar.

Como já foi comentado, a primeira economia na Ilha grande compreende a atividade turística. Assim 85% dos entrevistados disseram que a Ilha Grande não sobreviveria nos dias atuais sem o turismo, e apenas 15% acreditam que sim, já que “a ilha conseguiria se manter com outras atividades como a pesca”, diz um morador.

Quando perguntado sobre o incentivo que a região recebe pelo poder público, 85% afirmaram que o mesmo tem sido péssimo durante anos. Questões como tráfico de drogas, falta de policiamento, cachorros de rua, lixo acumulado, quantidade de turistas, entre outros fatores, assustam os moradores. Segundo uma moradora “A ilha está abandonada”.

Por outro lado, devido ao turismo desordenado que vem ocorrendo, funcionários da Prefeitura de Angra, destacam que medidas e projetos estão sendo estudados para que haja melhor aproveitamento dos recursos naturais e o que a Ilha oferece, seja através de

cobrança de taxa de visitação, ou somente o controle da capacidade máxima de visitantes permitidos, conforme já ocorre na Vila de Aventureiro

Ainda com base nas entrevistas, 74% dos entrevistados concordam, conforme já destacado, com um futuro controle, pois a Ilha não possui capacidade para receber a significativa quantidade em períodos sazonais, como na alta temporada, e dessa forma teria uma “seleção” de quem está entrando e saindo. Relatam ainda que há desembarque de cruzeiros marítimos, e como a Vila não possui banheiros públicos e coleta para atender a demanda que chega a 4.000 turistas de uma vez, as pessoas simplesmente acabam deixando o que consumiram, deixando o ônus da sujeira para os residentes e turistas que permanecem.

Dessa forma, 33% têm uma perspectiva boa quanto à cobrança e 22% concordam, pois o fluxo diminuirá, mas não acabará com o turismo e nem com a biodiversidade. Apenas 4% acham errado, pois de acordo com eles, “todas as pessoas têm o direito de conhecer a ilha”, independente do poder aquisitivo.

Também foram avaliados quais tipos de benefícios os turistas podem trazer visitando a Ilha, e concluiu-se que a renda e lucro são os principais, com 40% dos entrevistados, através de meios de hospedagem, com passeios, alimentação, entre outros. E conseqüentemente, mais empregos para quem trabalha na área, com 32%.

Quanto aos pontos negativos, o que mais foi mencionado foi à questão do lixo, com 44%. Segundo os entrevistados, o recolhimento do lixo através de barcos não ocorre sempre, e quando o fazem, não possui capacidade para todo o resíduo, deixando acumular em diferentes cantos da Vila. Os turistas chegam com isopor, cerveja e não levam de volta o lixo, além de outros espalhados pelas trilhas e praias. Destacaram ainda os maus hábitos dos visitantes, com 21%, e 15% apontaram a ausência de educação e conscientização ambiental.

A problemática de contribuir para a proteção ambiental da Ilha Grande não é somente para quem está de passagem, mas também para quem vive. Do total, 52% afirmaram que a comunidade local colabora para tal controle, e 37% não. Segundo uma comerciante que aluga máscaras de mergulho “existem aqueles que dizem que tudo já está largado mesmo, e aí não adianta mais eles ajudarem”.

Em relação ao que propõem como a melhor solução para minimização dos impactos decorrentes do turismo desordenado na ilha, 52% respondeu que deveria haver maior fiscalização por parte do poder público, porém podendo-se manter o fluxo atual de turistas de modo a manter a atual economia, e 37% entendem que é melhor ter menos turistas, e conseqüentemente, menor impacto decorrido, bem como maior qualidade de vida para o morador.

## **5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES**

O turismo surge de forma explícita como a grande vocação econômica da Ilha, sendo a principal alternativa de emprego e renda para grande parte dos moradores da Vila do Abraão. Ao turismo, desta forma, é atribuída a responsabilidade pela geração de emprego e renda e pela chegada da “sofisticação”, mas também pela falta de tranquilidade; pelo excesso de pessoas; pelo comprometimento da infra-estrutura ofertada (água, esgoto, lixo etc.); pelo crescimento urbano desordenado; pela migração diversas pessoas e pelo elevado custo de vida do lugar.

Há uma grande e explícita disputa dos atores presentes, sejam eles: moradores nativos, moradores muito antigos, novos moradores, veranistas, visitantes, os pequenos proprietários de terra, os grandes proprietários de terras, o poder público municipal, o poder público estadual, as ONGs, órgãos públicos ambientais, universidades, que segundo Prado (2003) estão mobilizados em torno de um propósito – salvar a Ilha. O que se destaca nesta questão são as diferentes razões pelas quais estes diversos atores desejam salvar a Ilha.

No geral, constata-se duas vertentes sobre o modelo de desenvolvimento do turismo desejável para a Ilha. Um modelo que ainda está centrado numa lógica hegemônica do turismo de maior poder aquisitivo. Lógica representada pelos maiores empreendimentos, em que os maiores beneficiados são os mais qualificados, muitas vezes com a utilização de mão-de-obra externa. A outra visão é a busca pela maior participação dos moradores locais nesta atividade, não apenas no subemprego, mas também como pequenos empreendedores. Um modelo que vê no pequeno empreendimento uma alternativa de geração de emprego e renda para a comunidade local, assim como aquele que melhor se adequa aos limites sócio-ambientais da Ilha.

Assim, os resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida permitiram tecer as seguintes considerações: A comunidade concorda que o turismo é um fenômeno que circula como fator positivo em toda a Ilha, mas que precisa ser repensado e planejado. Medidas como fiscalização, controle de fluxos, coletas de lixo e informações sobre conscientização, já são um passo para começar a investir, para que dessa forma, o paraíso não chegue ao fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ferreira, H. C. H (2013) Turismo, Natureza e Cultura: Disputas por “Patrimônios” nos Debates “Participativos” na Ilha Grande-Rj In: *Ambiente & Sociedade*, vol. XVI, núm. 4, outubro-dezembro, pp. 63-82
- Marques, N.P. e Costa, N.M.C. (2005) "Ilha Grande (RJ) – Meio Ambiente e Ecoturismo no cotidiano de seus moradores" In *Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina/Pr, 18pgs.
- Mendonça, T.C. (2010) *Que paraíso é esse? A turismização da Ilha Grande*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 341 p.
- Oliveira, Ana Lúcia C. (2004) *Conflitos Ambientais na Área de Proteção Ambiental de Tamoios* (Enseada de Abraão – Ilha Grande), Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UERJ. 216p. Rio de Janeiro.
- Pires, P. (2002). *Dimensões do Ecoturismo*, São Paulo: Editora SENAC, 272pg
- Prado, R. (2003) *Tensão no Paraíso: Aspectos da Intensificação do Turismo na Ilha Grande*. 7ª Edição. In: *Caderno Virtual de Turismo – LTDS/COPPE/UFRJ*.
- Sampaio, S. R. (2005) *Estratégias para a superação de problemas locais à Vila do Abraão e sua relação com o desenvolvimento sustentável do turismo*. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas/FGV, Dissertação de mestrado. 97pg

Vidal, S. G.; Leal Filha, S. M. e Rocha, I. C. (2006) Os impactos ambientais e o processo de gestão integrada: experiências na Vila de Abraão – Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). In.: *Revista Sociedade e Natureza*, Universidade de Uberlândia.

Wunder, S. (2006) Modelos de Turismo, florestas e rendas locais. In: PRADO, Rosane (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, p. 133-190.